

“FOY TÃO VIOLENTA, QUE EM DOZE DIAS LHE TIROU A VIDA”: DOCUMENTOS SOBRE A MORTE DO GOVERNADOR LOURENÇO LOBO. SÃO TOMÉ, 1769

Cândido Domingues*
Mariana Dourado da Silva**

Resumo

Apresentamos quatro documentos do Arquivo Histórico Ultramarino (Lisboa) referente à doença que acometeu o Governador de São Tomé e Príncipe, Lourenço Lobo de Almeida Garces Palha, em 1769 matando-o em poucos dias. Numa rápida introdução analisamos a importância de São Tomé e Príncipe e algumas relações com as “carneiradas” ou “doença da terra”, febres hoje conhecida como malária. Objetiva-se, portanto, publicizar tais documentos para estudos acerca da história política e epidemiológica daquelas ilhas do Ultramar português.

Palavras-chave: São Tomé e Príncipe; doença; carneiradas; malária.

Abstract

We present four documents of the Arquivo Histórico Ultramarino (Lisbon) referring to the disease of the Governor of the São Tomé e Príncipe, Lourenço Lobo de Almeida Garces Palha, in 1769, that killing him in a few days. A quick introduction analyze the importance of Sao Tome and Principe and some relations with “carneiradas” or “doença da terra”, fevers now known as malaria. The purpose is therefore publicize such documents for studies on political and epidemiological history of the islands of the Portuguese Overseas.

Key-Words: Sao Tome and Principe; disease; carneiradas; malaria.

* Professor Assistente de História do Brasil, Universidade do Estado da Bahia, *campus* IV (Jacobina). Agradecemos a bolsa de Iniciação Científica PICIN/UNEB para o projeto *Dos Portos aos Sertões: rotas de comércio, capitães negreiros e outros agentes do tráfico atlântico de escravos. Bahia, século XVIII.*

** Discente da Licenciatura em História, Universidade do Estado da Bahia, *campus* IV (Jacobina); Bolsista de Iniciação Científica, PICIN/UNEB.

Por longos séculos o arquipélago de São Tomé e Príncipe representou um importante entreposto comercial para Portugal. As escalas das viagens oceânicas, o abastecimento de alimentos para os navios, a produção de açúcar e o comércio de escravos transformaram as Ilhas em centro econômico para Portugal, no meio do Atlântico. Essa pujança econômica, entretanto, não escondeu a ideia europeia de lugar “demoníaco”, a construção de sua justificativa, a princípio, sustentava-se por fatores climáticos e ecológicos.

Em virtude da “demonização” sofrida pelas ilhas, surgiu a necessidade de criar formas de incentivo para que os colonos portugueses não se opusessem ao seu povoamento, desse modo, buscou-se uma valorização do território e da fertilidade da terra que “dispunha de um conjunto de condições favoráveis ao sucesso da exportação da cana-de-açúcar. Terrenos baixos e extremamente férteis ao longo da costa” (ROQUE; SEIBERT; MARQUES, 2012, p. 29). A imagem negativa de São Tomé era bastante antiga e conhecida no imaginário lusitano. Desde o século XIV o medo da morte atormentava os portugueses de estabelecerem-se na região o que levou o rei D. João II a conceder algumas regalias aos futuros moradores. Tanto a valorização da terra como os privilégios comerciais concedidos pelo Rei eram estratégias de dominação com o objetivo de proporcionar o povoamento de São Tomé, uma vez que este representava um importante centro comercial e entreposto importante para as rotas das navegações atlânticas.¹

Especialmente a Ilha de São Tomé possuía um clima úmido e de intenso calor que, de certo modo, tornou a ilha um centro de

proliferação de diversas doenças tropicais; um clima propício ao desenvolvimento de moléstias e de protozoários causadores de doenças como a carneirada. *Causas mortis* de tantos europeus cujo sistema imunológico não tinha defesa suficiente para combater ou conviver com seu agente patológico, essa enfermidade foi a causadora da morte, dentre tantas pessoas, do Governador de São Tomé e Príncipe Lourenço Lobo de Almeida Garces Palha, em maio de 1769. Paraíso dos insetos, túmulo dos europeus!

O padre Raphael Bluteau refere-se à carneirada apenas como “doença que dá na Ilha de São Thomé” (1717, p. 154); seu leitor de fim de século, Antonio da Silva Moraes, não avançou muito e registrou-a como “doença, que costuma vir em certas estações pelas Costas da África” (1813, p. 348). Renata Silva e Dante Fonseca apontam a carneirada como um dos vários nomes populares para a malária, importante doença tropical ainda hoje presente nesta zona do planeta (SILVA & FONSECA, 2010, p. 141).

A despeito de apenas creditarem as carneiradas à Ilha de São Tomé, desde o início do século XVI elas já eram conhecidas nas Ilhas de Cabo Verde, como atesta-nos Valentim Fernandes, na sua *Descrição*. Inicialmente era comum creditar sua incidência nos meses chuvosos destas regiões, quando ventos traziam as malignas que “juntos aos vapores da terra combinam-se de tal maneira, que causam aos enfermos dores de cabeça tão fortes que se fazem insuportáveis [...] e eis aqui que quase toda a gente adocece de febres ou sezões” (Lucas de Senna, 1987 [1818], p. 81 apud TORRÃO & SOARES, 2008, p. 2-3).

Como afirmou Nancy Stepan, a medicina de fins do século XVIII primava pela ligação entre as doenças e o meio ambiente. De acordo com Stepan “nesse período a medi-

1 “Na África Ocidental e em São Tomé prevalecem a malária e a febre amarela.” Cf. original “In the West Africa and on São Tomé, both malaria and yellow fever prevailed.” (McNEILL, 2010, 96, tradução livre).

cina testemunhou um *revival*² da clássica abordagem geográfica da doença, em que se buscava explicar a morbidade em termos de diferentes localidades e condições climáticas favoráveis ao aparecimento de determinadas enfermidades" (2001 apud VIANA, 2011, p. 41, grifo da autora). Essa ideia dos "vapores da terra" que fundamentavam as carneiradas como "doença da terra" tanto em Cabo Verde quanto em São Tomé está diretamente ligada a essa ideia de propagação de doenças pelos miasmas. Afirma Viana que "até a emergência da teoria dos germes, na segunda metade do século XIX, a perspectiva miasmática e ambientalista sobre a doença era dominante" (VIANA, 2011, p. 41).

O cenário epidemiológico da Ilha de São Tomé parecia diferir da Ilha do Príncipe. Isso é o que fica bastante evidente no rápido governo do Capitão General Lourenço Lobo de Almeida Garces Palha naquele arquipélago.

Garces Palha chegou à Cidade da Bahia em 22 de junho de 1767 de onde deveria partir para assumir o cargo de Provedor e Capitão General de São Tomé e Príncipe. Salvador não era apenas um entreposto comercial do tráfico negreiro. Seu porto era uma porta de entrada para a África. Dali navios negreiros cumpriam a, também importante, função de transporte de funcionários régios e soldados além de trocar as correspondências do Império. Para que o dito Governador passasse "sem demora à Ilha do Príncipe" e, assim, cumprisse-se as ordens de El-Rey D. José I, o Governador da Bahia, o Conde d'Azambuja, mandou o negociante José de Sousa Reis aprontar a *Curveta Nossa Senhora da Esperança e São José*, capitaneada por

Antonio da Costa Bastos para leva Garces Palha à dita Ilha. Cioso de seus deveres com a Monarquia, Reis não apenas respondeu afirmativamente, como requereu licença para carregar a embarcação de tabaco para comprar escravos na Costa da Mina, secular praça de comércio de africanos escravizados frequentada pelos negreiros da Bahia (DOMINGUES, 2011). A licença fora concedida para que o capitão Antonio da Costa Bastos trouxesse 742 escravos e, assim, custeasse a viagem à África. Desse modo o governador assumiria seu posto sem quaisquer gastos à Fazenda Real na viagem entre a Bahia e a Ilha do Príncipe.

O capitão Antonio da Costa Bastos *fez a vela* na baía de Todos-os-Santos no dia 20 de novembro de 1767 e partiu em direção à Ilha do Príncipe, onde a *Curveta Nossa Senhora da Esperança e São José* "chegou a salvamento em 25 de janeiro de 1768" permanecendo na ilha até o dia 5 de fevereiro quando seguiu viagem para a negociar escravos na Costa da Mina. (AHU, CA, docs. 9619-9631 (citação); ELTIS, BEHRENDT, RICHARDSON & FLORENTINO, # 50924 (1768); DOMINGUES, 2011, p. 69-70).

O Capitão General Lourenço Lobo de Almeida Garces Palha permaneceu na Ilha do Príncipe por um ano, "sem que em todo este tempo experimentasse a mais leve moléstia", quando resolveu conhecer e administrar a partir de São Tomé. A ilha, no entanto, não lhe seria um feliz lugar! "Três meses depois da sua chegada àquela Ilha o acome-teu a moléstia da carneirada, a qual foi tão violenta, que em doze dias lhe tirou a vida" (AHU, São Tomé, Caixa 11, doc. 42).

Faz-se necessário pensar na Ilha de São Tomé como foco de diversas moléstias para se compreender a relação entre a carneirada e a morte do Governador. Por meio da análise de um conjunto de correspondências en-

2 Renascimento de um movimento, uma moda, um costume, um estilo, um estado de espírito, etc. do passado.

viadas a Portugal contendo a notícia do falecimento do Governador Garces Palha, a causa do óbito repentino e o pedido de envio de um novo Governador a São Tomé e Príncipe suscitam pensar nas ameaças que os europeus estavam sujeitos, não apenas na África como nas Américas, diante se seus ecossistemas e patologias distintas da Europa.

Como importante alfândega e praça do negreiro uma análise dessas três cartas dos Vereadores pode contribuir para conhecer um pouco dos perigos que corriam tripulantes, comerciantes e escravizados envolvidos no comércio transatlântico de mão de obra.

Apresentamos aqui quart curtos documentos da Caixa 11 da coleção sobre São Tomé, do Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa. Os três primeiros documentos são datados de 17 a 27 de maio de 1769. São cartas do Senado da Câmara e do Desembargador Ouvidor Geral dando a notícia da morte do Governador Lourenço Lobo ao Rei D. José I. O quarto documento é do mesmo ano, no entanto sem mês assinalado, e corresponde a uma carta do próprio Lourenço Lobo participando El-Rey de sua chegada à Ilha de São Tomé e apresentando-a como uma ilha doentia onde os moradores parecem sofrer com os males da terra muito mais que na Ilha do Príncipe.

A transcrição dos documentos e sua apresentação seguiram as regras da *Revista de Fontes* (UNIFESP) e inaugura um espaço na *Revista África(s)* que pode ser promissor. Publicar fontes manuscritas de arquivos estrangeiros, de difícil acesso, de leitura paleográfica complexa ou de importância narrativa sobre pessoas, lugares ou práticas é um modo de ampliar e difundir o conhecimento dos escritos do passado e do acervo do arquivo,

além de possibilitar o uso da fonte por outros interessados, porém sem acesso tão vasto. O interesse, portanto, dessa publicação é possibilitar a quem estuda a história política do Mundo Atlântico, e especialmente, a História da Saúde e da Doença ter acesso a essas quatro correspondências acerca da enfermidade que acometeu o governador Garces Palha levando a óbito em tão curto tempo.

Documento 01

Arquivo Histórico Ultramarino (AHU), São Tomé, Caixa 11, doc. 37, 17 de maio de 1769.

[fl. 1]

Señhor

O governador da Ilha do Príncipe Lourenço Lobo de Almeida Garces Palha morreu nesta Ilha de São Tome em seis de maio deste ano em casa do coronel João Francisco de Almeida que o levou para nela o curar, e também precioso onde tão guardado, tão guardado, e resguardado, que só o dito e Luís de Almeida Preto de Carvalho o viam pedindo aos seus criados falarlhe.

Depois de morto insurgiu a murmuração que a enfermidade, ou a morte fora ajudada para se utilizar do direito conjuturandose já dá repugnância do coronel em remeter o doutor para Ilha do Príncipe, já do Laudano que lhe aplicou para dormir, já de haver frouxado grande número de pretos dos que estavam nas roças para a cidade.

Para divertir essas vozes se lançou em um papel em casa do Capitão Mor Luís de Almeida em que se publica que morrera o Governador de maleficio por disposição com cento, e vinte mil reis, que dei o juiz ordinário João Deos da Costa B^a unido com outros demais façam dizem os indiferentes, que o papel fora fabricado pelo dois Coronel, e Capitão Mor.

Eu Senhor, que não posso livrar-me dos males, que padeço, sempre doente recolhido sempre em casa por enfermidades, que não sou depositário do direito, que não arre-matei causa alguma dos seus bens, que não me utilizo dos vinte e cinco mil, e seiscentos, que pagão os navios estrangeiros, chega a um conto de reis, ou três mil cruzados, ficando livre da pensão tão pesada, que pagava ao Governador por faze-lo Capitão [fl. 1v] mor, tão pezada, pois so lhe tocavam setenta e seis mil, e oito centos de trez navios, serei quem perpetuou a maldade contra o Governador tão guardado pellos dous, e não posso achar o contraveno [sic] aos meus males, que continuamente me ameasão a morte, e já cheguei ao ultimo aperto, e aflição.

Peço a Vossa Magestade se digne mandar informarse destas calumnias, que se me imputa, e tirarme deste povo sem religião, que vive como os seus antepassados, e darseme a satisfação, que for do real agrado de Vossa Magestade, e sobre tudo mandara Vossa Magestade o que for servido, São Tomé 17 de Maio 1769.

O Dezembargador Ouvidor Geral João Alvarez Bandeira.

[fl. 2, em branco]

[fl. 2v]

185

f22

São Tome que chegou em Dezembro de 1769

[Anotações à esquerda do documento, fl. 1]

Haja Conta do Procurador da Fazenda L.^{xa} 8 de janeiro de 1770

[04 rubricas]

Deve informar ao Capitam mor com o seu parecer

[01 rubrica]

Informe do Capitam Mor, como aponta o Procurador da Fazenda L.^{xa}, 16 de Abril de 1770

[05 rubricas]

Expostos em 18 de Abril de 1770
Registrada a folha 48 do Livro 3^o das
Portas de São Thome

Documento 02

Arquivo Histórico Ultramarino (AHU), São Tomé, Caixa 11, doc. 40, 17 de maio de 1769.

[fl. 1]

Senhor

O Senado da Camera desta Cidade e Ilha de Santo Thomê poem na Real presença de Vossa Magestade o dia da chegada, e do falecimento do governador e Cappitão general Lourenço Lobo de Almeida Garcez Palha, que chegando da Ilha do Principe aos dois de Fevereiro, e exercitando O Seu governo por tres mezes e quatro dias que completarão aos seis de Mayo faleceo da carneirada em o dito dia, com Sentimento geral pella administração com que inda na deciplina Militar agradava a todos nos Seus Subdittos.

Que prostados aos Reais pes de Vossa Magestade lhe expormos esta verdade.

Deus goarde a Real Pessoa de Vossa Magestade muitos anos [fl. 1v] cidade e Ilha de Santo Thomê em Camara 17 de Mayo de 1769.

João de Deos da Costa B^a

Pedro Jozê Ferreyra

Jozê Soares [...]

Joze Ferreira Correa

Silvestre Carneiro de Azevedo

Nicolao Jozê da Costa

[fl. 2, em branco]

[fl. 2v]

São Thomê 17 de Maio de 1769

N^o 14

Da Camara

Documento 03

Arquivo Histórico Ultramarino, São Tomé,
Caixa 11, doc. 42, 27 de maio de 1769

[fl. 1]

Senhor

Depois de hum ano de residencia nesta Ilha partio o Governador Lourenço Lobo de Almeyda Garcez Palha para a de São Thomê sem que em todo este tempo experimentace a mais leve moléstia; tres mezes depois da sua chegada àquela Ilha o acometeo a molestia da carneirada, a qual foy tão violenta, que em doze dias lhe tirou a vida.

Por sua morte tomou a Camera desta Ilha posse do Governo della Segundo as ordens de *Vossa Magestade* nella se ha de conservar thê que *Vossa Magestade* seja servido mandar outro Governador, o qual Suplicamos a *Vossa Magestade* venha com a mayor brevidade pois muito necessitão estas Ilhas da Sua presença.

A muito Alta, e Poderosa pessoa de *Vossa Magestade* Guarde Deos nosso Senhor, como os seus Fiéis Vassalos desejamos, e havemos mister.

Ilha do Principe 27 de Mayo de 1769

João Diaz da Silva
André Luiz da Cruz
Manoel Pedro Branco
Francisco Joaquim da Matta
Pedro Joze Villares
Luis carneiro Siqueira

[À esquerda, no alto da página]
1769

[fl. 1v, em branco]
[fl. 2, em branco]
[fl. 2v]

Ilha do Principe 27 de Mayo de 1769
Nº 15
Da Camara

Documento 04

Arquivo Histórico Ultramarino (AHU),
São Tomé, Caixa 11, doc. 56, 1769.

Ilustríssimo Excelentíssimo Señor

Não tenho palavras com *que* possa explicar a vossa *Excelência* o grande gosto *que* tive com a notisia *que* me partisipou minha sobrinha de *que* vossa *Excelência* passava com saúde e o *Senhor* Conde de Oeyras e o *Excelentíssimo Senhor* Paulo de Carvalho meus Amos [eu]: como criatura de vossas emselencias logrem essa filisidade pois assim o pede a minha obrigação e o bem de todo o Reyno.

Dipois de assistir hú anno na Ilha do Principe Logo *que* chigou a embarcação de Sua *Magestade* Fidelicima *que* Deus guarde pertencente a estas ilhas me embarquei e fis viaje *para* está Ilha de São Thomé e logo me deu a molestia de sarnas e atualmente o padeso tão bem me adoeseu quaizé toda a familia com a doensa da terra e me parese *que* está Ilha hé mais doentia *que* a do Prinsipe pois cujo os moradores desta *que* o mais do tempo estão doentes o *que* não sosede Na do Prinsipe, fico *para* servir a vossa *Excelência*

[fl. 1v]
A alta Pessoa de vossa *Excelência*
Guarde Deus nosso *Senhor*
De vossa *Excelência*

Criado *que* lhe beja A mão
Lourenço Lobo de Almeida Garses Palha

[À esquerda, fl. 1]
1769

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Francisco Xavier de Mendonsa Furtado Do Conselho de Sua Magestade Fedelisima que Deus guarde Tenente General dos ezercitos do mesmo senhor Ministro e Secretario dos negossios da Marinha e dominios de Ultramar

[fl. 2, em branco]

[fl. 2v]

São Thomé

Par [sic]

181

Do Governador, e Capitão General

Documentos

Arquivo Histórico Ultramarino, Castro e Almeida, cx. 51, docs. 9619-9631 (*Representação Representação do negociante José de Sousa Reis, dirigida à Rainha, na qual pede para ser indemnizado dos prejuízos que soffrera com a perda da sua corveta N. S. da Esperança e S. José, que os hollandezes lhe apresaram, quando fora fretada em 1767 pelo Governador da Bahia Conde do Azambuja, para conduzir à Ilha do Príncipe o Governador e Capitão General do S. Thomé e Príncipe Lourenço Lobo de Almeida, próximo à Costa da Mina, onde largaram o Capitão Antônio da Costa Bastos e toda a tripolação, s/d., Bahia, c. 1777*).

Arquivo Histórico Ultramarino, São Tomé, Caixa 11, doc. 37, 17 de maio de 1769.

Arquivo Histórico Ultramarino, São Tomé, Caixa 11, doc. 40, 17 de maio de 1769.

Arquivo Histórico Ultramarino, São Tomé, Caixa 11, doc. 42, 27 de maio de 1769

Arquivo Histórico Ultramarino, São Tomé, Caixa 11, doc. 56, 1769.

Referências

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architecto-**

nico... Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712-1728, 8 vols. Disponível em: <http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/1>.

DOMINGUES, Cândido. **"Perseguidores da espécie humana": capitães negreiros da Cidade da Bahia na primeira metade do século XVIII**. Dissertação (mestrado em História Social), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

ELTIS, David; BEHRENDT, Stephen; RICHARDSON, David; FLORENTINO, Manolo. **The Transatlantic Slave Trade Database**. Disponível em: <http://www.slavevoyages.org>.

McNEILL, J. R. **Mosquito Empires: Ecology and War in the Greater Caribbean, 1620-1914**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. (New Approaches to the Americas).

PINHEIRO, Luís da Cunha. A produção açucareira em São Tomé ao longo dos Quinhentos. **Actas do Colóquio Internacional São Tomé e Príncipe numa perspectiva interdisciplinar, diacrônica e sincrônica**. In: ROQUE, Ana Cristina; SEIBERT, Gerhard; MARQUES, Vítor Rosado (Orgs.). Lisboa, ISCTE-IUL/CEA-IUL/IICT, 2012, p. 27-48. Disponível em: <http://cea.iscte-iul.pt/wp-content/uploads/Actas-STP-Final.pdf>.

REVISTA DE FONTES. Normas de transcrição, UNIFESP, s/d. Disponível em: <http://www.revistadefontes.unifesp.br/como-publicar/>.

SILVA, Antonio Moraes. **Dicionario da lingua portugueza - recopilado dos vocabularios impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por Antonio de Moraes Silva**. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813 [1789]. Disponível em <http://dicionarios.bbm.usp.br/pt-br/dicionario/edicao/2>.

SILVA, Renata de M. F.; FONSECA, Dante Ribeiro. A malária na colonização do atual estado de Rondônia: aspectos médicos e históricos. In: GUILHERMANO, Luiz Gustavo; SCHWARTSMANN, Leonor Baptista; SERRES, Juliane C. Primon; LOPES, Maria Helena Itaquí. **Páginas da história da medicina**. Porto Alegre: EDI-PUCRS, 2010, p. 141-150.

TORRÃO, Maria Manuel Ferraz; SOARES, Maria João. Ervas e curandeiras. Remédios e boticários formas de curar nas ilhas de cabo verde (século XVIII e início do século XIX). In: Workshop Plantas Mediciniais e Fitoterapêuticas nos Trópicos. IICT/CCCM, 29, 30 e 31 de outubro de 2008, p. 1-23. Disponível em: http://www2.iict.pt/archive/doc/Microsoft_Word__ERVAS_E_CURANDEIRAS_rev_2.pdf

VIANA, Larissa. Os trópicos na rota do Império britânico: a visão de Mungo Park sobre a África em fins do século XVIII. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, V. 18, N. 1, p. 33-50, jan.-mar. 2011.

Recebido em: 15/04/2016

Aprovado em: 17/05/2016